



FESTIVAL DE CANNES
SELECÇÃO OFICIAL

FESTIVAIS DE NOVA IORQUE, BERLIM,
LONDRES, DEAUVILLE, GIJÓN,
AUSTIN - SOUTH BY SOUTHWEST (SBSW)

ARGUMENTO, MONTAGEM E REALIZAÇÃO

ANTONIO CAMPOS

DEPOIS DAS AULAS

AFTERSCHOOL

NUMA ESCOLA, LONGE DOS PAIS,
A DESCOBERTA DO SEXO, DAS DROGAS, DO YOUTUBE...
O QUE FAZEM ELES DEPOIS DAS AULAS?

COPRODUCTION OFFICE APRESENTA UMA PRODUÇÃO BORDERLINE FILMS EM ASSOCIAÇÃO COM
HIDDEN ST. PRODUCTIONS

COM EZRA MILLER • JEREMY ALLEN WHITE • MICHAEL STUHLBARG • ADDISON
TIMLIN • ROSEMARIE DEWITT • GARY WILMES • CHRISTOPHER MCCANN
CASTING SUSAN SHOPMAKER C.S.A. E RANDI GLASS CO-PRODUTORES JESSE OZERI •
SUSAN SHOPMAKER • ROSE GANGUZZA PRODUTORES JOSH MOND E SEAN DURKIN

Distribuição MIDAS FILMES www.midas-filmes.pt



equipa técnica e artística

Com **Ezra Miller, Jeremy White, Emory Cohen, Michael Stuhlbarg, Addison Timlin, Rosemarie Dewitt, Lee Wilkof, Paul Sparks, Bill Raymond, Gary Wilmes, Christopher Mccann**

Montagem **Antonio Campos**

Som **Bloomberg**

Design de Som e Mistura **TTT**

Música **Rakotondrabe Gaël**

Décors **Kris Moran**

Assistente de realização **Joe Anderson**

Guarda-roupa **Catherine Akana**

Casting **Susan Shopmaker C.S.A. & Randi Class**

Director de Fotografia **Jody Lee Lipes**

Pdotutores Executivos **Andrew Renzi, Victor Aaron, Susan Shopmaker, Rose Ganguzza**

Produtores **Josh Mond & Sean Durkin**

Argumento e Realização **Antonio Campos**

Produção **Borderline Films**

Em associação com **Hidden St.Productions**

Distribuição **MIDAS FILMES**

USA - 2008 - 106' - cor



sinopse

Robert, aluno numa das melhores escolas norte-americanas, filma por acidente a morte de duas colegas. As suas vidas tornam-se no assunto de um projecto audiovisual concebido pela direcção da escola para acelerar o luto colectivo. Mas este projecto cria uma atmosfera de paranóia e mal-estar entre os alunos e os professores.

nota de intenções

Hoje mais que nunca graças ao computador e à Internet somos capazes de ser testemunhas, no conforto dos nossos quartos e das nossas salas, de cenas que tanto podem ser extraordinárias como monstruosas. As pessoas deixam-se fascinar por estes pequenos vídeos, sejam divertidos ou violentos, porque a sua existência se situa à margem das suas próprias vidas. É o caso de Robert, a personagem principal de *AFTERSCHOOL – DEPOIS DAS AULAS*. Estamos sempre a ser observados, ou pelo menos corremos o risco de uma tal vigilância. As câmaras digitais já nem são uma opção que se possa não escolher num telemóvel ou num computador e as câmaras de vigilância invadem o espaço público. Antes da era da tecnologia digital, o olho de Deus era uma abstracção. Hoje, com uma pequena câmara, tranquilamente escondida num bolso, podemos filmar qualquer coisa, que pode em qualquer momento ser partilhada com o resto do planeta. Através da personagem de Robert, procurei examinar o meu próprio fascínio, posicionando-me como observador e documentarista. Enquanto cineasta, o meu método preferido é deixar os actores interpretar cenas inteiras numa única take. Deixando a sequência ganhar corpo na sua duração, de forma quase orgânica, espero que nasça uma autenticidade. Descobri também que se esperarmos o suficiente podemos ter a sorte de ser testemunhas de um momento fundamental, seja comovente ou chocante. O objectivo último é sempre aproximar-me o mais possível do real.



“Queria simplesmente que o Robert tivesse um fascínio visceral pela observação da realidade, que fosse uma testemunha da realidade e que tal como eu tivesse um desejo profundo de partilhar, com aqueles que o aceitam, as imagens de que é testemunha.” **António Campos**

“Gostaria que os espectadores vissem AFTERSCHOOL-DEPOIS DAS AULAS com a mente aberta e que no fim da sessão abandonassem a sala com uma série de questões sobre o mundo e este rapaz.” **António Campos**

“Em 2004 realizei uma curta-metragem chamada Buy it now que contava como uma adolescente vendia a virgindade no eBay. A ideia era que fosse um filme sobre a Internet, a droga nos adolescentes, a incomunicabilidade entre os pais e os filhos e o preço a pagar pela apatia e negligência dos pais.” **António Campos**

“No que me diz respeito, sempre achei que um plano fixo está mais próximo da minha forma de ver o mundo.” **António Campos**



críticas

TIME OUT

Corajoso, inteligente e desconcertante.

THE TIMES

Se há uma voz que se distingue e promete entre a geração do YouTube é a de Antonio Campos, cuja primeira longa-metragem *AFTERSCHOOL – DEPOIS DAS AULAS* espalha a intriga numa tragédia de um liceu. Os enquadramentos são brilhantes. É um nome a seguir.

THE HOLLYWOOD REPORTER

Uma tragédia morbidamente fascinante que é também uma visão sem concessões da hipocrisia americana. Ama-se ou odeia-se, mas é preciso reconhecer que *AFTERSCHOOL – DEPOIS DAS AULAS* é uma primeira obra de destaque do talentoso realizador nova-iorquino de 24 anos Antonio Campos.

THE GUARDIAN

O trabalho do documentarista Frederick Wiseman é uma fonte de inspiração assumida de Campos, mas também podemos citar Gus van Sant ou Michael Haneke. *AFTERSCHOOL – DEPOIS DAS AULAS* é um filme elegante e perturbador.

LA WEEKLY

Uma notável estreia. Um dos poucos filmes independentes americanos de destaque este ano.



VASCO CÂMARA, PÚBLICO

Não queríamos falar do 11/09, mas temos que começar pelo 11/09. Antonio Campos tinha 18 anos em 2001. E tinha um amigo com um pai a trabalhar no World Trade Center. Foi assim que a morte passou por perto, no último ano do liceu de Antonio. (Meses depois, a morte passaria por ele outra vez: um amigo desapareceu num desastre de automóvel.)

“Afterschool – Depois das Aulas” não tem nada a ver com o 11/09. Mas tem tudo a ver com a morte. O argumento nasceu dos sentimentos contraditórios que abalaram o protegido mundo de quem se despedia da adolescência em 2001: “Senti-me emocionalmente próximo e distante do que aconteceu aos meus amigos, simultaneamente envolvido e afastado. Essa experiência marcou-me.” Perda e culpa. “A ponto de começar a escrever um argumento.”

E não falamos mais do 11/09. Anos depois - Antonio Campos, 25 anos, resume ao Ípsilon, ao telefone de Nova Iorque - uma temporada por Paris como bolseiro da Cinéfondation do Festival de Cannes colocou esses sentimentos de perda e de culpa no desenvolvimento de outro argumento. Em que um adolescente, Robert, aluno de um colégio da elite nova-iorquina, obcecado com os vídeos que aparecem na Net como cogumelos (é assim que Robert experimenta a vida: em “clips”, curtas sequências “de coisas que parecem reais”), filma sem querer a morte por “overdose” de duas irmãs gémeas. Robert é como Antonio: envolvido com os seus sentimentos e simultaneamente afastado deles. É assim que o realizador se descreve. Junta a isso, assume, a incapacidade de encontrar uma coisa a que possa chamar “identidade cultural e social”: é filho de Lucas Mendes, correspondente internacional da TV brasileira, criador do programa “Manhattan Connection” no canal GNT, e de uma produtora, e em tempos “manager” de Pelé, Rose Ganguzza. Dizemos-lhe que é uma sensação estranha: falar em inglês sobre um filme americano com alguém que tem um nome português. “Não me sinto em casa em sítio nenhum. O meu pai é brasileiro, a minha mãe fala português, os meus irmãos também. Mas no Brasil não me sinto brasileiro, na América não me sinto americano. A única cidade onde consigo viver é em Nova Iorque.” É preciso, então, agradecer à confusão. É ela que torna “Afterschool – Depois das Aulas” uma aventura tão obsessiva para o espectador. É isso que faz do filme uma superfície reflectora de emoções que crescem tanto que lhes conseguimos tocar - só elas se deixam agarrar. É isso que faz de “Afterschool – Depois das Aulas” um dos filmes de 2008.

Se quisermos continuar a imaginar “Afterschool – Depois das Aulas”... Um ecrã grande, como num filme dos anos 1950, e longos planos-sequência que observam pura e simplesmente o que acontece: um colégio para os obviamente favorecidos, os rituais das aulas, a sexualidade em picardia no refeitório, os computadores... E os adultos ausentes, fora de campo ou do outro lado da linha telefónica. Os planos-sequência observam, como num documentário. Não é por acaso: o desenvolvimento do argumento aconteceu ao mesmo tempo que o jovem americano em Paris descobriu a obra do documentarista Frederick Wiseman, muito especialmente “Highschool”, numa retrospectiva. Mas às tantas o ecrã de “Afterschool – Depois das Aulas” diminui. A espaços o ecrã reduz-se à dimensão de um quadrado ou de um rectângulo do YouTube. São os vídeos que Robert encontra na Net. Esses momentos dão-lhe a sensação de verdade - em ecrã grande a realidade é vagarosa, afunda-se em torpor.

E assim também o espectador se move ao sabor desta hierarquia de imagens, encontrando, como Robert, mais “realidade” nos “clips” do que nos corredores da escola; ou entrando, como Robert, por túneis assombrados, já que não sabe onde está a realidade, se nos “clips” de vídeo se nas imagens em ecrã grande da escola.

“Essa é a ideia básica deste filme, a nossa percepção das imagens. Aquilo a que chamamos realidade é apenas uma parte da coisa. Nunca é a realidade, é sempre uma parte da realidade” - isso explica, nos assombrosos enquadramentos, os corpos que nunca cabem no ecrã, as composições de uma perfeição superior mas nunca “desenhada” (o segredo, diz-nos, foi nunca ter dito aos actores se eles estavam dentro ou fora de campo, o segredo foi deixá-los movimentarem-se à vontade; o segredo da perfeição é a imperfeição).

Chegados aqui, é provável que “Elephant” de Gus Van Sant venha à memória - mas sempre que se fala em adolescência no cinema, passou a ser um automatismo ou uma afectação referir esse filme. Ou as experiências de tubo de ensaio com que o austríaco Michael Haneke faz o seu cinema. A primeira referência incomoda Antonio Campos, e percebe-se porquê: não tem nada a ver. A segunda não incomoda, trata-se até de um cineasta e de uma obra que admira - mas, dizemos nós, em sensualidade e em emoção Campos bate o programático Haneke.

Visto o filme, saltará à vista o clínico Stanley Kubrick, cineasta que mudou a vida deste jovem nova-iorquino (culpa de Laranja Mecânica”) que aos 13 anos, graças à barba precoce, passava por 16, o que lhe permitiu matricular-se num curso de seis semanas da New York Film Academy. Já nessa altura o pai o alimentava a cinema japonês e a clássicos europeus. Mas esquecemos Haneke, Kubrick, Van Sant, e atirámos outra hipótese de filiação, menos evidente, mais interior: Michelangelo Antonioni. Desta ele não estava à espera... Por causa de “Blow Up”, onde há um homem obcecado em fotografar a realidade e que acaba engolido por ela? (Antonio Campos nem gosta de “Blow Up”...) Não, por causa de “Deserto Vermelho”, onde a realidade resiste a ser lida, decodificada, onde homem e tecnologia se fundem na paisagem. Foi então como se uma porta se abrisse... “É o filme de que gosto mais de Antonioni. Talvez... também aí havia um elemento humano e um elemento tecnológico no mesmo plano. Esse filme também se parecia com ficção científica. Sim, há 10 anos ‘Afterschool’ não teria sido possível ou seria um filme de ficção científica. Porque a realidade de que fala é a de uma tecnologia ligada a hoje.” E no entanto, “Afterschool – Depois das Aulas”, primeira longa, é já um filme de despedida.

Aos 25 anos, Antonio Campos tem um razoável currículo de curtas - fez a primeira aos 23, já esteve em concurso em Cannes. Todas elas, revela, sobre jovens da geração YouTube (numa, “Buy it Now”, de 2005, uma rapariga vende a virgindade no E-Bay). Foi crescendo e documentando a sua geração. “Experiências em primeira mão, minhas ou dos meus amigos, sobre o que é ser ‘teenager’ na América. Tenho um fascínio por aquela fase desastrada em que não sabemos quem somos ou aquilo de que gostamos... Não me interessa contar a típica história de crescimento em que o cinema americano é pródiga, a história de rapaz que conhece rapariga, os dois experimentam algo e depois tornam-se adultos e mudam. Interessa-me observar a transição e não o sítio onde as personagens chegam. Interessa-me a ambiguidade. Como Robert em ‘Afterschool’ eu não tenho a pretensão de saber quem sou. Mas o meu próximo filme vai contar a história de um rapaz e da sua mãe em Nova Iorque num período de 20 anos - ou seja, a adolescência é apenas um pedaço dessa existência. Estou, portanto, pronto a mudar. Sinto que ‘Afterschool – Depois das Aulas’ foi a minha exploração terminal deste mundo”.

Antonio Campos cresceu, mas nunca vimos isso. Quando o encontrámos ele já era grande... cineasta.

antonio campos

Antonio Campos, nova-iorquino, tinha 24 anos quando realizou *Afterschool – Depois das Aulas*. Realizou mais de 20 curtas e documentários e um videoclip para os The Shins “Sleeping Lessons”. Aos 21, a curta “Buy it Now” foi apresentada na secção Cinéfondation do Festival de Cannes, onde ganhou o Grande Prémio. Campos foi aceite no programa de residências de desenvolvimento de filmes de Cannes onde escreveu o argumento de *Afterschool – Depois das Aulas*. Antes de terminar *Afterschool - Depois das Aulas*, a curta “The Last 15”, foi apresentada em competição no Festival de Cannes. Aluno na Tisch School of Arts, no departamento de cinema, Campos fundou a produtora Borderline Films com dois colegas de universidade, Josh Mond e Sean Durkin. *Afterschool – Depois das Aulas* é a sua primeira longa-metragem.

1997 Puberty (curta)

2001 First Kiss (curta)

2002 Pandora (curta)

2004 Who’s Your Daddy (curta)

2005 Buy it now (curta)

2007 The Last 15 (curta)

2008 Afterschool

